

A evolução dos transportes em Maringá nos registros fotográficos de Kenji Ueta¹

Beatriz Fontana ASSUMPÇÃO²

Paulo César BONI³

Resumo: Maringá, no norte do Paraná, fundada em 1947, recebeu colonizadores dos quatro cantos do Brasil e de diversos países do mundo. Nas décadas de 40 e 50, os pioneiros vieram em busca de riquezas, atraídos pela produtividade do café e rentabilidade do comércio. Entre eles, o imigrante japonês Kenji Ueta, que chegou em 1951 e, desde então, fotografa o desenvolvimento da cidade. Hoje, seu acervo fotográfico é imprescindível para a recuperação, preservação e democratização da história de Maringá. Todas as grandes obras e momentos mais importantes da cidade foram registrados por suas lentes. Este artigo segmenta a obra de Kenji Ueta, considerado o mais importante fotógrafo da história de Maringá, para focar especificamente num segmento: os transportes – imprescindíveis para a formação e desenvolvimento da cidade – da chegada do primeiro trem, em 1954, à inauguração do aeroporto, em 1957. Como referenciais teóricos são adotadas obras sobre a história de Maringá e sobre a importância e uso da fotografia para a recuperação da memória e da história; como metodologias, a pesquisa de campo e a história oral. A mídia fotografia, neste trabalho, extrapola a condição de documento histórico e assume contornos de fonte de pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no **VII Encontro Nacional de História da Mídia** – GT: História da Mídia Audiovisual, realizado em Fortaleza (CE), de 19 a 21 de agosto de 2009.

² Graduada de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista de Iniciação Científica pela mesma instituição (IC/UEL). E-mail: fontanabeatriz@hotmail.com

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

Palavras-chave: Mídia audiovisual; História de Maringá (PR); Kenji Ueta; Fotografia e memória.

1. Introdução

O registro fotográfico é considerado um fragmento da história e tem sido usado para representá-la. De acordo com Kossoy (2001), a fotografia nasceu na época da Revolução Industrial e passou a ser utilizada em benefício da história, das ciências e das artes. O autor também defende que o registro fotográfico pode ser considerado um fragmento da realidade e, conseqüentemente, da história.

A partir da fotografia, o mundo passou a ser conhecido de forma fragmentada, com recortes espaço-temporais da realidade. “A expressão cultural dos povos passou a ser exteriorizada através dos seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos e passou a ser gradativamente documentada pela câmara.” (KOSSOY, 2001, p.26).

Com base nessa interpretação, utilizamos registros fotográficos de Kenji Ueta para recontar parte da história de Maringá, no norte do Paraná. Fotógrafo desde que chegou, no início da década de 50, registrou mais de cinquenta anos da história da cidade. Até hoje, apesar de seus mais de 80 anos de idade, captura imagens do desenvolvimento da região.

2. Kenji Ueta: o fotógrafo pioneiro chega a Maringá

Maringá é a terceira maior cidade do Paraná, com pouco mais de 325.000 mil habitantes, distribuídos em seus quase 500 km² de área geográfica. Fundada em 10 de maio de 1947 como distrito de Mandaguari, se tornou município em 14 de novembro de 1951, por



força do Decreto Lei n.º 790, tendo como distritos Iguatemi, Floriano e Ivatuba. Hoje, a cidade é um polo industrial, comercial e educacional e, desde 1998, é sede da Região Metropolitana que também engloba os municípios de Sarandi, Paiçandu, Mandaguçu Marialva, Mandaguari, Iguaraçu e Ângulo.

Para entender como uma cidade passou de distrito a sede da Região Metropolitana em pouco mais de 50 anos é preciso conhecer mais de sua história. Os primeiros imigrantes chegaram fascinados pelo “ouro verde”, o café. Na época, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná loteava e vendia terras férteis para o cultivo do café em uma região ainda inexplorada. “A terra roxa foi outro fator positivo com o qual o homem pôde contar para alcançar o progresso de Maringá. Sua formação baseada na decomposição das rochas vulcânicas foi pródiga e generosa na cultura do café.” (ANDRADE, 1979, p.63).

Com terras produtivas e pioneiros dedicados, as colheitas foram abundantes. A cidade cresceu e se desenvolveu, atraindo gente de várias regiões do país e de outros lugares do mundo.

Não importa os que aqui vieram primeiro, os que apontaram em segundo, terceiro ou quarto lugares. Ou então os que já encontraram Maringá ensaiando os seus primeiros passos. O fundamental, o importante, o decisivo, foi que esses homens, imbuídos dos melhores propósitos, de fé inabalável, de visão histórica, unindo as suas forças, não se importando com a raça, com a religião ou com a sua procedência, foram os verdadeiros construtores de Maringá [...]. E assim, num piscar de olhos, eis que surgem serrarias, escolas, igrejas, oficinas mecânicas, hotéis, máquinas de beneficiar arroz, casas comerciais, padarias, dentistas, médicos, hospitais, cinemas etc. (ANDRADE, 1979, p.84).

De acordo com o censo demográfico realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1950, a cidade tinha cerca de 38 mil habitantes: 7 mil vivendo em ambiente urbano e aproximadamente 31 mil na área rural. Dez anos depois, o censo de 1960 constatou que esse número já tinha quase triplicado. Eram mais de 104 mil habitantes, sendo 47 mil no núcleo urbano e 56 mil na zona rural. Esse crescimento populacional impulsionou o desenvolvimento urbano e proporcionou – e exigiu – obras de infraestrutura.



Em 1945 foi construída a primeira capela de Maringá, a Capela Santa Cruz. Cinco anos depois o local tornou-se pequeno para o número de pessoas que frequentava as celebrações. Diante disso, em 18 de abril de 1950 foi assentada a pedra fundamental para a construção da primeira Catedral Basílica Nossa Senhora da Glória, construída no Maringá Novo, em um terreno doado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Em 20 de janeiro de 1957, Dom Jaime Luiz Coelho foi nomeado bispo de Maringá. Assim que chegou, percebeu a necessidade da construção de uma nova catedral, maior e que atendesse o espírito religioso e empreendedor da cidade, de “olhar para o alto, olhar para frente, olhar para Deus, olhar para a eternidade com grande confiança nos dias que virão”. (COELHO *apud* ANDRADE, 1979, p.93). E assim, em 15 de agosto de 1958 foi assentada a pedra fundamental para a construção de uma nova igreja, a atual Catedral Basílica Nossa Senhora da Glória, na avenida Tiradentes, no centro de Maringá.

Em 1947, chegou o primeiro médico, o Dr. Lafayete da Costa Tourinho. Nessa mesma época surgiram as primeiras farmácias e também o primeiro hospital, o Santa Cruz, montado pelo médico, com apoio da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. O estabelecimento ficava no Maringá Velho e funcionava em condições precárias, aliás, para funcionar contava com energia elétrica fornecida gratuitamente pela família Carniel. Em 1951 foi fundada a Associação Médica de Maringá e, em 1953, a Associação Odontológica de Maringá.

Para que o progresso acontecesse, era preciso criar condições satisfatórias para que as pessoas e os subsídios chegassem à cidade, além de propiciar o escoamento da produção agrícola. Para tanto, a implementação e desenvolvimento dos transportes era condição *sine qua non*, e se deu de forma tão intensa nas décadas de 50 e 60. Em 8 de fevereiro de 1948 foi fundado o Aero Clube de Maringá. Menos de 10 anos depois, em 12 de maio de 1957 foi inaugurado o Aeroporto Gastão Vidigal, que funcionou como principal aeroporto da cidade, até o início deste século.

Maringá já era uma grande cidade na década de 70. De acordo com o IBGE, neste ano, sua população urbana era de aproximadamente 100 mil habitantes e a rural de mais de 20 mil. Desses 120 mil habitantes, muitos eram estrangeiros, principalmente japoneses, portugueses,



italianos, espanhóis e alemães. Um dos imigrantes japoneses foi Kenji Ueta, que chegou ao Brasil no dia 23 de março de 1933. Desembarcou em Santos e foi viver em uma fazenda de café na região de Ribeirão Preto, mudando-se depois para Bauru, Pompéia e São Paulo. Mudou-se para Maringá em julho de 1951. Chegou na cidade três meses depois do irmão, Yukio Ueta, com quem aprendeu a fotografar. Yukio foi aprendiz de fotografia durante quatro anos em Pompéia, no interior de São Paulo. Chegando a Maringá quis montar um foto, mas não tinha dinheiro. Para viabilizar seu projeto, chamou seus irmãos Kenji e Tetsuaki para serem seus sócios.

Kenji Ueta chegou a Maringá de avião, vindo de São Paulo, junto com a mulher e um filho. Ele conta que, na época, o transporte terrestre era muito difícil, pois as estradas eram ruins e a terra se transformava em barro diante do primeiro sinal de chuva. “Se chovesse, os caminhões e ônibus não conseguiam chegar até a cidade e as pessoas tinham de vir a pé de Apucarana para Maringá.”

3. Imagens dos transportes em Maringá

Ueta começou a fotografar com uma antiga máquina lambe-lambe. Percebendo a potencialidade econômica da fotografia, já no final de 1951 adquiriu equipamentos modernos e mais portáteis. Confessa que ficou em dúvida entre comprar o equipamento ou uma casa, pois desembolsou o equivalente a 65 mil reais em moeda atual. Optou por investir no equipamento porque este poderia lhe dar retorno financeiro. A partir desse investimento, pôde tirar as primeiras fotografias aéreas da cidade. O fotógrafo lembra, bem humorado, que os comerciantes pediam que ele sobrevoasse a cidade e tirasse fotografias dos seus terrenos e estabelecimentos. Ele diz que aproveitava o voo e fazia a tomada de algumas vistas aéreas de Maringá.

Segundo o fotógrafo, as primeiras fotografias da cidade foram tomadas com as máquinas que os clientes traziam para serem testadas. A partir disso, observou que a cidade

mudava muito rápido e percebeu a importância do registro histórico. Kenji Ueta tem um vasto arquivo fotográfico, pois, desde sempre, fotografou casamentos, famílias, aniversários, eventos públicos e até mesmo pessoas mortas. Porém, o item mais volumoso de seu acervo de negativos e fotografias é o registro das transformações históricas de Maringá.

As fotografias que fazem parte desse objeto de estudo (os transportes em Maringá) são as que ele próprio considera como as mais importantes na história da cidade. Dentre elas estão: a do 2º Aeroporto Gastão Vidigal, que passou a funcionar em 12 de maio de 1957; a 2ª Rodoviária, inaugurada na década de 60; a chegada do 1º trem de passageiros e a inauguração da Estação Ferroviária em 31 de janeiro de 1954.

No dia da inauguração da Estação Ferroviária (Figuras 1, 2, 3 e 4), Kenji Ueta estava lá. Ele conta que tinha chovido muito e a cidade estava coberta por lama. Mesmo assim, centenas de pessoas compareceram à inauguração e comemoraram a chegada do primeiro trem de passageiros. A locomotiva 608, conduzida pelo maquinista José Mariano chegou imponente. E não era para menos: o transporte ferroviário mudou as perspectivas da cidade, pois agilizou e barateou o escoamento da produção agrícola e facilitou e deu muito mais segurança ao transporte de passageiros.





ENCONTRO NACIONAL DE
**HISTÓRIA
DA MÍDIA**
mídia alternativa e alternativas midiáticas



Figura 1 – Inauguração da Estação Ferroviária de Maringá, com a chegada da primeira locomotiva, em 31 de janeiro de 1954

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá



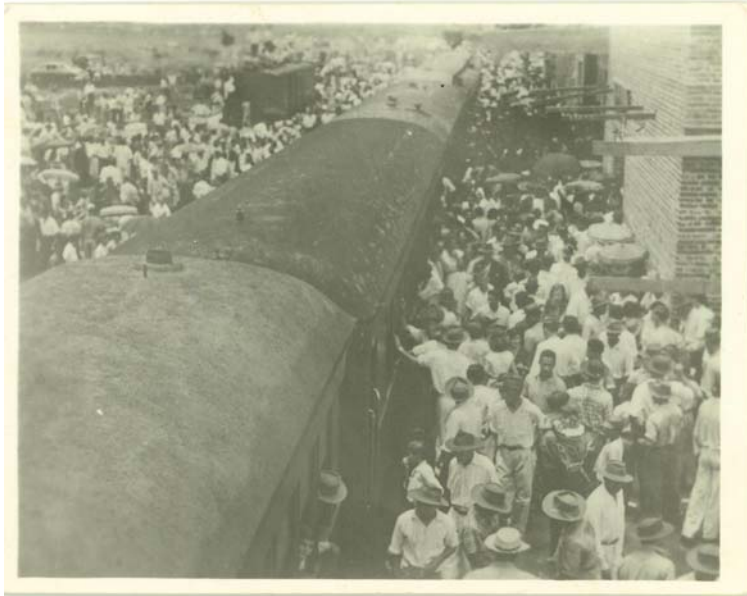


Figura 2 – Centenas de pessoas se aglomeraram para comemorarem a chegada do primeiro trem

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá



Figura 3 – Cena da inauguração da Estação Ferroviária de Maringá, em 31 de janeiro de 1954



Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá



Figura 4 – A banda municipal animou a festa de inauguração da Estação Ferroviária

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá

As fotografias da época evidenciam a importância desse acontecimento para a cidade. Nelas, fica evidente a quantidade de pessoas que compareceu ao evento. Apenas a fotografia da figura 1, tomada de frente para o primeiro vagão, não retrata a multidão. O fotógrafo optou por valorizar o trem, evidenciando, inclusive, o número da locomotiva: 608.

A fotografia da figura 2 foi tomada de cima de um vagão que estava ao lado do prédio da estação. Nela, é possível observar a quantidade de pessoas que estava presente neste dia e local (recorte espaço/temporal), bem como parte do prédio da estação e dos vagões. Já a fotografia da figura 3 foi capturada do lado oposto da figura 2. Também de cima de um vagão



estacionado. Nela, pode-se observar, além da multidão, o vagão no qual o fotógrafo subiu para fazer a tomada da figura 2 e, pelas janelas da composição, os passageiros do primeiro trem a chegar a Maringá. Para animar o evento, foi mobilizada a banda municipal. A atuação da banda em meio às pessoas que compareceram inauguração é o motivo da fotografia da figura 4.

Outro evento marcante para o desenvolvimento de Maringá, na década de 50, foi a inauguração do aeroporto. Em 12 de maio de 1957, numa festa um pouco mais discreta, foi inaugurado o Aeroporto Dr. Gastão Vidigal (Figuras 5, 6 e 7). Kenji Ueta também registrou esse momento importante da história da cidade. A festa de inauguração reuniu menos gente que a da estação ferroviária provavelmente por conta de um acidente aéreo ocorrido dois dias antes da inauguração, com um dos aviões que fazia acrobacias durante os festejos alusivos ao décimo aniversário de Maringá, comemorado dia 10 de maio. .



Figura 5 – Prédio do Aeroporto Dr. Gastão Vidigal, no dia de sua inauguração





Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta



Figura 6 – Descerramento da placa alusiva à inauguração do aeroporto, dia 12 de maio de 1957

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta





Figura 7 – Populares presentes à inauguração do Aeroporto Dr. Gastão Vidigal

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta

Nessas fotografias, pode-se ver que a festa de inauguração foi relativamente discreta e a presença de pessoas no evento bem menor que a verificada quando da inauguração da estação ferroviária, realizada três anos antes.

Na imagem da figura 5, fica evidente o estilo arquitetônico predominante na época: construção em madeira rendilhada, com grandes janelas. A cerca era de balaustras. Na figura 6, o momento solene da inauguração do aeroporto: o descerramento da placa alusiva pelas autoridades locais. De acordo com Kenji Ueta, as duas pessoas em evidência na imagem eram políticos importantes da época, mas ele não se recorda de seus nomes. Na imagem da figura 7, parte das pessoas que compareceram ao evento, bem como parte do prédio. No canto direito,



parcialmente cortado pelo enquadramento do fotógrafo, um pequeno monumento com a fotografia do Dr. Gastão Vidigal.

Na década seguinte, o movimento de passageiros nos transportes coletivos rodoviários exigiu a construção de uma nova e ampla estação rodoviária, pois a antiga (Figura 8) se tornou insuficiente para a demanda crescente de passageiros, além da precariedade e desconforto do atendimento. Assim, depois de inauguradas a estação rodoviária (1953), ferroviária (1954) e o aeroporto (1957), na década de 50, Maringá ganhou, na década de 60, sua segunda estação rodoviária, desta vez um prédio grande, imponente e de alvenaria (Figuras 9 e 10), localizada em uma praça central da cidade.



Figura 8 – Primeira estação rodoviária de Maringá, inaugurada em 1953

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta





Figura 9 – Construção da Estação Rodoviária Américo Dias Ferraz, no início da década de 60

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta





Figura 10 – Estação Rodoviária Américo Dias Ferraz, na década de 60

Fotografia: Kenji Ueta

Fonte: Acervo pessoal de Kenji Ueta

A primeira estação rodoviária de Maringá (Figura 8) ficava na Praça Napoleão Moreira da Silva, no Maringá Velho. Era uma construção de madeira, que representou a porta de entrada para muitos dos imigrantes que chegaram à cidade na década de 50. A imagem da figura 9 mostra a construção da segunda rodoviária, que recebeu o nome de Américo Dias Ferraz. Ela fica localizada (ainda existe, apesar de desativada) localizada na Praça Raposo Tavares, no centro da cidade, próxima à estação ferroviária. Por motivos particulares, Kenji Ueta não esteve presente na inauguração da nova rodoviária, sequer sabe detalhar o dia e ano em que as duas últimas fotografias foram capturadas.



Na imagem da figura 10, pode-se ver a rodoviária já concluída. A fotografia foi tomada depois de sua inauguração, ocorrida em 1962. Na frente do prédio da rodoviária, praticamente no centro da imagem, vê-se a fonte da Praça Raposo Tavares.

4. Considerações finais:

A fotografia é um meio de registro e também de pesquisa histórica, por isso tem sido amplamente usada como representação do real, ou fragmento da realidade. Nesse artigo, buscou-se recortar e (re)contar parte da história de Maringá por meio das fotografias de Kenji Ueta. De origem japonesa, esse fotógrafo é um pioneiro da cidade, onde chegou em 1951 e, desde então, registra seu desenvolvimento e suas transformações urbanas e paisagísticas. Para este estudo, foram selecionadas fotografias do acervo pessoal do fotógrafo e outras já doadas à Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá, todas focadas nos transportes rodoviário, ferroviário e aéreo.

Por ser um segmento imprescindível para o desenvolvimento da cidade e região, o tema transportes foi escolhido como recorte e objeto de estudo do presente trabalho. Os meios de transporte e a infraestrutura foram fundamentais para que pessoas das mais diversas regiões do país e do mundo pudessem chegar à Maringá.

5. Referências:

ANDRADE, Arthur. **Maringá: ontem, hoje e amanhã**. Maringá: Rumo Gráfica, 1979.



DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o norte do Paraná**: estudos da história regional. Maringá: Eduem, 1999.

Kenji Ueta. Entrevistas realizadas com o fotógrafo nos dias 20 de abril, 7 de maio, 14, 15 e 16 de junho de 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Gerência do Patrimônio Histórico de Maringá. Consultas realizadas dias 22 de maio e 19 de junho de 2009.

